

INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA
MATEUS TAVARES CAVALCANTE

UMA PROPOSTA REFLEXIVA ACERCA DO INTER-HUMANO EM MARTIN
BUBER

PONTA GROSSA
2021

MATEUS TAVARES CAVALCANTE

**UMA PROPOSTA REFLEXIVA ACERCA DO INTER-HUMANO EM MARTIN
BUBER**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia na Instituição de Ensino Superior Sant'Ana **Orientador:** Prof. Dr. Donizeti Pessi.


PONTA GROSSA

2021

MATEUS TAVARES CAVALCANTE

**UMA PROPOSTA REFLEXIVA ACERCA DO INTER-HUMANO EM MARTIN
BUBER**

Trabalho de Conclusão de Curso da Instituição de Ensino Superior Sant'Ana
apresentado como requisito parcial para a obtenção do Licenciado em Filosofia.
Aprovado no dia 23 de novembro de 2021 pela banca composta por Donizeti
Pessi(Orientador), Daniella do Nascimento Jesus e Gisele Gaspar Ferreira



LUCIO MAURO BRAGA MACHADO
Coordenador do Núcleo de TCC

Dedico à minha comunidade religiosa, e a minha
família que me ensinou o que é relação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por toda as graças derramadas neste tempo de formação filosófica e por estar presente em toda a minha caminhada de Copiosa Redenção.

Aos meus familiares que me deram todo apoio e me mostraram o caminho que me trouxe até aqui, especialmente pelas orações dedicadas a mim neste tempo de TCC.

Ao Padre Wilton Moraes Lopes, C.Ss.R., por ter iniciado esta obra da Copiosa Redenção possibilitando que eu respondo-se a um chamado feito por Deus para uma relação mais próxima e íntima com Ele, agradeço também por todo amor doado a outras pessoas através do testemunho e acolhimento daqueles que mais necessitam.

À minha comunidade religiosa, por permitirem a cada dia que eu tenha um maior contato com Deus, construindo uma maior intimidade com o eterno. Agradeço de modo especial ao Padre Fernando Bauwelz e Heron Alves de Campos por toda ajuda textual, deste trabalho.

À pessoa do Padre Luiz Cesar de Oliveira, CR, por ser aquele que hoje me mostra os caminhos que me levam para mais próximo de Deus e por ser aquele que com a graça d'Ele guia a Copiosa Redenção no seguimento da cruz de Cristo.

À Faculdade Sant'Ana, por possibilitar uma experiência indescritível no curso de Filosofia, permitindo que eu cresça-se como homem e como postulante a vida religiosa.

A todos os funcionários e professores que fizeram parte em todo o meu processo de formação, tendo cada um, um lugar especial em minha memória e em minhas orações. Agradeço de modo muito especial ao Prof. Dr. Donizeti Pessi, por me revelar valores que eu carregarei ao longo de minha vida, bem como por toda paciência e ajuda como orientador deste trabalho. A professora Lília Schainiuka por sua docilidade durante toda a elaboração deste trabalho, com as correções gramaticais e por proporcionar momentos que estarão marcados em minha memória.

Enfim, agradeço a todos os que de certo modo fizeram ou fazem parte da minha vida me inspirando a ser uma pessoa melhor e mais próxima de Cristo.

“Toda vida atual é encontro”

(Martin Buber)

RESUMO

O presente trabalho de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa procura evidenciar a relação Inter-humana como processo de significação do homem e como superação da intersubjetividade. Fazendo uso dos conceitos de Martin Buber (1878-1965), importante Filósofo, Teólogo e antropólogo, Judeu de nascença graças a sua família. Servindo-se de duas obras *“EU e TU”* (1977) e *“Do Diálogo e do Dialógico”* (1982), obras que compõe boa parte do pensamento relacional de Buber. O trabalho expõe como primeiro objetivo o contexto sócio-histórico-cultural no qual Martin Buber está inserido. O segundo é evidenciar os conceitos de palavra-princípio a partir do diálogo como caminho para o Inter-humano. Por último, o terceiro objetivo específico é apresentar o Inter-humano como superação da intersubjetividade da teoria do conhecimento. Este trabalho percorrerá então, o percurso que será desde as influências que Buber teve ao longo de sua formação, passando para as concepções do pensamento filosófico dialógico, para assim, analisar em qual ponto a perspectiva buberiana de relação Inter-humana supera a intersubjetividade.

Palavras-chave: Palavras-princípio, relação, diálogo, Inter-humano, intersubjetividade;

ABSTRACT

The following paper which has bibliographic and qualitative approach seeks to highlight the Inter-human relationship as a process for human beings to find their meaning and as a way to overcoming intersubjectivity. Making use of the concepts by Martin Buber (1878-1965), an important Jewish philosopher, theologian and anthropologist. Based in two of his writings "EU and TU" (1977) and "Do Dialógo e do Dialógico" (1982), both of which express a good part of Buber's relational thought, our work first objective is to discuss the socio-historical-cultural context in which Martin Buber is inserted. The second objective is to highlight the concepts of word-principle from dialogue as a path to the Inter-human. Finally, the third specific objective is to present the Inter-human as an overcoming of the intersubjectivity to the theory of knowledge. This paper will start the discussion from the influences that Buber had throughout his formation, going through the conceptions of dialogical philosophical thoughts, so that it is possible to analyze in which point the Buberian perspective of Inter-human relationship overcomes intersubjectivity.

Keywords: Principle words, relationship, dialogue, Inter-human, intersubjectivity;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. VIDA E INFLUÊNCIAS	12
2.1 Martin Buber	12
2.2 As influências filosóficas	14
2.3 O Hassidismo	16
2.4 O Sionismo	19
3. O INTER-HUMANO BUBERIANO	20
3.1 As palavras-princípio	20
3.1.1 O EU-TU e o EU-ISSO	21
3.1.2 O EU-TU Eterno	23
3.2 A Relação dialógica	24
3.3 O encontro	25
3.4 O diálogo	26
3.5 A Responsabilidade e a resposta	27
3.6 O Inter-humano	28
3.7 A Comunidade	28
4. INTER-HUMANO X INTERSUBJETIVIDADE	29
4.1 A Intersubjetividade	30
4.2 O Inter-humano como superação da intersubjetividade	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

É possível pensar que a relação é um tema que já é falado desde o início da civilização atual e que não tem mais nada a dizer sobre. Pode-se perceber que afirmações como a colocada não demonstram em totalidade uma verdade. E para colaborar com o esclarecimento acerca deste assunto, a relação, é que este trabalho tem como objetivo central, demonstrar uma forma de relação que seja capaz primeiramente de afetar o indivíduo na sua particularidade para que ele seja capaz de afetar o meio em que se vive. Esse caminho foi percorrido com a ajuda do Filósofo austríaco Martin Buber.

Martin Buber (1878-1965), nascido na Áustria, Judeu de nascença seguiu carreira na Filosofia, antropologia, pedagogia, mas dedicou a maior parte de seu tempo na Teologia com a tradução da bíblia para o alemão e escritos voltados para a fé judaica e com características claras de como via as relações.

A fé de Buber o impulsionou com a ajuda de influências filosóficas a desenvolver os seus conceitos antropológicos relacionais. É através deste caminho que Buber caminhará e que este texto seguiu, sendo que, a seção final traz uma proposta reflexiva que vai além das reflexões feitas pelo próprio autor.

Contudo, é importante explorar a jornada que Buber realizou, bem como os conceitos que ele criou para assim poder realizar uma reflexão que seja capaz de provocar uma mudança real no indivíduo, ou que seja pelo menos capaz de gerar um questionamento em si próprio: como estão minhas relações?

Este trabalho é de caráter qualitativo bibliográfico, tendo como base teórica alguns textos de Martin Buber, além do auxílio de comentadores e teóricos que escreveram sobre o tema.

O trabalho será dividido em três seções, em cada seção o texto responde a um objetivo específico: o primeiro objetivo será apresentar o contexto sócio-histórico-cultural que influenciou Martin Buber na sua produção filosófica, o segundo objetivo procura esclarecer a proposta de diálogo e de relação inter-humana de Martin Buber e o terceiro objetivo traz uma reflexão acerca do Inter-humano como superação da intersubjetividade.

A primeira seção é responsável por abordar as dimensões culturais religiosas que Buber teve em sua vida bem como alguns filósofos que influenciaram diretamente na construção da relação dialógica buberiana.

Segunda seção é mais extensa e é aquela responsável por construir e clarear os conceitos centrais da Filosofia Buberiana, percorrendo desde os princípios da relação nas palavras-princípios até o seu ponto máximo na relação Inter-humana. Nesta seção foi observado como a relação é construída até se alcançar o Inter-humano, sempre dentro dos conceitos de Buber.

Por fim, a terceira e última seção trouxe uma reflexão acerca do Inter-humano como uma superação da intersubjetividade da teoria do conhecimento. Foi apresentado no início da seção os conceitos centrais da intersubjetividade, partindo para diferenciação entre os conceitos, demonstrando no final da seção os pontos nos quais o Inter-humano supera a intersubjetividade.

O objetivo aqui é portanto com o auxílio de Martin Buber e tendo como parâmetros a realidade atual onde as tecnologias estão cada vez mais presentes facilitando as relações, evidenciar o Inter-humano como caminho para uma relação saudável e capaz de dar significado aos indivíduos, para que posteriormente se tornem capazes de significar o mundo por meio de suas relações.

2. VIDA E INFLUÊNCIAS

O presente capítulo tem por objetivo proporcionar o conhecimento do Filósofo e Teólogo Martin Buber, suas principais influências sofridas no campo da Filosofia juntamente com as influências sociais e culturais que tiveram grande impacto em sua vida, que contribuirão para a compreensão da relação de diálogo entre o EU e o TU e o processo de significação da existência do indivíduo por meio do outro.

2.1 Martin Buber

Martin Buber, pensador austríaco nascido dia 08 de fevereiro de 1878 na cidade de Viena. Aos três anos de idade foi separado de seus pais e passou a morar com seus avós paternos os quais eram fervorosos praticantes do Judaísmo, principalmente seu avô Salomão Buber que era do comando da Haskalah¹. Foi neste contexto que Buber teve contato com o hebraico, o que lhe possibilitou a leitura de textos bíblicos e criou um grande desejo pelos estudos, “a atmosfera era propícia para uma piedade sadia e para um profundo respeito pelo estudo.” (ZUBEN, 1977, p. XI).

Com 14 anos após voltar a morar com seu pai, Martin Buber se matriculou no ginásio polonês de Lemberg. Neste momento, como afirma Zuben (1977) a filosofia surge na vida de Buber na configuração de dois livros que o influenciaram enormemente no início de sua caminhada de estudos, o “Prolegômenos” de Kant e “Assim falava Zaratustra” de Nietzsche.

Em Lemberg, Buber teve contato com a corrente judaica do Hassidismo², responsável por gerar grande parte de seus conceitos como a reciprocidade, característica marcante no pensamento Hassídico. Esta corrente foi a responsável por desenvolver em Buber uma consciência da tarefa e do sentido da existência humana no mundo. (ZUBEN, 1977).

¹ Em hebraico significa “iluminismo”, “intelecto”, “senso comum”. É o nome dado ao movimento iluminista judaico nascido no século XVIII. Este movimento aderiu aos valores iluministas e estimulava a união dos judeus com a sociedade europeia e a educação secular, em paralelo com os estudos da história judaica e do Hebraico. (FERREIRA, 2013).

² Corrente mística judaica. (CONIB – Confederação Israelita do Brasil).

Aos 18 anos, ingressou na Universidade de Viena para cursar os cursos de Filosofia e História da Arte. Neste Período de Universidade, Buber pode desenvolver um grande apreço pela literatura, Filosofia, arte e teatro, sendo que isso só seria possível graças a influência da nova escola vianense.

Mais do que em qualquer lugar, encontrava-se em Viena o exemplo típico de uma cultura aberta a toda sorte de influências, oriundas de todos os quadrantes do mundo intelectual. Encontrava-se aí elementos eslavos, judeus e românticos. (ZUBEN, 1977, p. XIII).

Diante de tanta influência e distante dos avós, Buber acaba deixando de lado, por um tempo, a tradição judaica. (PARREIRA, 2016). Em 1901 inicia os seus estudos na Universidade de Berlim tendo com professores Dilthey³ e G. Simmel⁴. Neste período se dedicou também aos estudos de psicologia e psiquiatria, tendo recebido o título de Doutor em Filosofia no ano de 1904.

Ainda em Berlin, Buber conheceu uma comunidade chamada de Neue Gemeinschaft⁵ criada pelos irmãos Heinrich Hart e Julius Hart, que buscava propor aos jovens um ambiente no qual poderiam se expressar livremente. Através deste grupo Buber conheceu Gustav Landauer, que teve grande influência sobre o seu conceito de comunidade.

Buber entra em contato com Theodor Herzl o fundador e presidente do movimento sionista. Recobrando assim, as tradições judaicas de sua família e que haviam sido esquecidas na universidade. Depois de romper com o movimento sionista por conflitos com Herzl, Buber retorna para a sua terra natal, a Galícia, permanecendo aí cinco anos. Neste tempo ele retoma o contato com o movimento Hassídico.

Entre os anos de 1916 e 1924 Martin Buber é editor do jornal “*DER JUDE*”⁶, neste período ele foi nomeado para a cadeira de História das Religiões e Ética Judaica, na Universidade de Frankfurt. No ano de 1925, com a ajuda de seu amigo Franz Rosenzweig, Buber iniciou a tradução da Bíblia em alemão e que se encerrou cerca quarenta anos depois, já sem a presença de seu amigo falecido anos antes.

³ Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo historicista alemão que teve grande contribuição para a metodologia das ciências humanas. É considerado o criador do historicismo. (FRAZÃO, 2020).

⁴ Georg Simmel (1859-1918), sociólogo e filósofo alemão que é afamado como o criador da Sociologia das Formas Sociais. (FRAZÃO, 2021).

⁵ A “Nova Comunidade” era um grupo de linha comunista que existiu entre os anos de 1900 a 1904. (ZUBEN, 1977).

⁶ “Judeu”.

No ano de 1933 ao ser deposto da cadeira na Universidade de Frankfurt pelos nazistas, Buber foi para Heppenheim permanecendo lá até receber o convite para assumir uma cadeira na Universidade Hebraica de Jerusalém para lecionar Sociologia. Esse foi um tempo de grande produção intelectual nas áreas de Política, Sociologia, Filosofia e Teologia judaica. “Esse período foi de intensa produção intelectual. Suas pesquisas se aprofundaram em diversas áreas: estudos sobre a Bíblia, Judaísmo e Hassidismo; estudos políticos, sociológicos e filosóficos.” (ZUBEN, 1977, p. XIV-XV).

Buber morreu aos 87 anos de idade no dia 13 de junho de 1965 na cidade de Jerusalém.

2.2 As influências filosóficas

Ao analisar o pensamento de Martin Buber se faz necessário conhecer as principais fontes que influenciaram a sua Filosofia. Logo, destaca-se alguns filósofos que foram importantes para a Filosofia do diálogo de Buber, entre os quais se sobressaem Ludwig Feuerbach, Soren Kierkegaard, Gustav Landauer e Immanuel Kant.

Uma primeiro influenciador foi Ludwig Feuerbach (1804-1872), filósofo nascido na cidade de Landshut, Alemanha. Formou-se em Filosofia tendo como professor Hegel. Fez fortes críticas à religião dizendo que Deus é apenas um tipo de projeção das qualidades humanas, e criou o conceito de materialismo antropológico.

Feuerbach é provavelmente um dos autores mais citados por Buber em suas obras, e aquele responsável por dar o impulso final ao sentido do EU e do TU. “Ele afirmou com clareza a sua dívida para com Feuerbach quando diz que dele recebeu o impulso decisivo com relação ao sentido do EU e do TU e, de um modo geral, no que diz respeito à questão antropológica.” (ZUBEN, 1977, p. XXIII).

Feuerbach vê o homem como o objeto central da filosofia, ele não enxerga o homem como indivíduo, mas como relação entre o EU e o TU.

O homem singular por si não possui em si a essência do homem nem enquanto ser moral, nem enquanto ser pensante. A essência do homem está contida apenas na comunidade, na unidade do homem com o homem – uma unidade que, porém, se funda apenas na realidade da distinção do eu e do tu. (FEUERBACH, 2008, p. 73).

Buber (1977), retoma a ideia de relação entre EU e o TU presente nos seres humanos e que é apresentada por Feuerbach para construir a sua ideia de diálogo como princípio da existência.

Um segundo pensador é Soren Kierkegaard (1813-1855), é considerado o primeiro filósofo existencial, para ele as questões existenciais são o centro de toda discussão filosófica acerca da vida humana.

Buber ao ter contato com a Filosofia de Kierkegaard teve um novo impulso intelectual, que obrigava ele a pensar que a filosofia deveria estar focada na existência concreta do indivíduo. (ZUBEN, 1977).

Com esse novo estímulo Buber deixa um pouco de lado a parte mística e direciona o seu foco para a existência. Ele cria então, toda a filosofia existencial baseada na relação de diálogo e reciprocidade como sendo aquela responsável por dar sentido à vida e a existência, tornando-se a encarregada de proporcionar o sentido da existência ao EU no momento do encontro com o TU.

Outro influenciador foi Gustav Landauer (1870-1919), nascido na cidade de Karlsruhe, Alemanha. Tinha grande atividade política e era um defensor do anarquismo comunista. Se tornou amigo de Buber no movimento da “Nova Comunidade” e teve grande influência em sua vida. “Foi aí que Buber travou amizade com Gustav Landauer, personagem este que o influenciou profundamente”. (ZUBEN, 1977, p. XIV).

Segundo Carrara (2017), foi Landauer que incentivou Buber a mudar os seus estudos de ciência da arte e da história para o misticismo, gerando uma grande amizade, uma admiração pessoal e um respeito mútuo.

Sendo grandes amigos e convivendo muito tempo juntos, Landauer influenciou Buber na sua personalidade e na sua Filosofia, trazendo para ele a ideia de Comunidade.

Landauer exerceu grande influência sobre a concepção Buberiana de comunidade. Era considerado um socialista de comunidade em oposição ao socialismo de estado. Seu impacto sobre Buber não se deu apenas no nível de ideias e doutrinas, mas também no nível da personalidade. (CARRARA, 2017, p. 54).

O conceito de comunidade fundamentou a Filosofia de Buber, é neste ambiente que ocorre a relação do EU e do TU, tendo ela surgido do desejo do encontro e da relação.

Por fim, Immanuel Kant (1724-1804) também aparece nas obras de Buber, filósofo alemão, conhecido como o fundador da “Filosofia Crítica”⁷. É considerado um importante influenciador da filosofia moderna e o responsável por sintetizar o pensamento das correntes filosóficas do Racionalismo e do Empirismo.

Kant tem grande influência em Buber no plano da moral, ao afirmar que os indivíduos não são apenas um meio mas também um fim. Buber utiliza deste princípio para dizer que na relação EU-TU o homem é visto como fim. (ZUBEN, 1977).

Buber construiu a sua Filosofia baseada nas suas influências filosóficas, mas também nas suas experiências pessoais e culturais.

2.3 O Hassidismo

Se faz necessário evidenciar neste trabalho uma importante corrente cultural que influenciou e permeou toda a produção filosófica de Buber, corrente essa que está diretamente ligada a religião de sua família, o Judaísmo. Esta forma de pensar a fé em Deus teve tamanha influência em sua obra que Buber dedicou uma parte de seu principal livro ‘EU e TU’ para falar do relacionamento com Deus que ele intitula de o “TU eterno”.

O Hassidismo foi fundado no século XVIII na Polônia pelo Rabi Yisrael ben Eliezer, apelidado de Baal-Shem-Tov. Ele tinha por objetivo renovar a mística judaica tradicional. “Representava uma reação contra o rabinismo tradicional, na sua tendência legalista e intelectual.” (ZUBEN, 1977, p. XXXV).

Os conhecimentos eram passados no Hassidismo por meio de lendas que chamavam os homens santos a exercerem suas vocações. Usando os mandamentos bíblicos da Torah⁸, o Hassidismo seduziu diversas pessoas incentivando-as a uma vida de alegria e a acolherem o mundo da forma que era apresentado aos judeus.

Os *hassidim*⁹ acreditavam na ideia de que até o pecado era uma forma de se chegar a Deus, usavam disso para diminuir a distância entre o sagrado e o profano. Para eles toda a vida material e todas as coisas que se apresentam no mundo são

⁷ Sistema que buscou demarcar os limites da razão humana.

⁸ Bíblia Hebraica correspondente aos cinco primeiros livros do Pentateuco. (SIGNIFICADOS, 2021).

⁹ Como eram chamados os membros praticantes do Hassidismo. (PFEFFER; DAHER, 2008).

emissões divinas. Segundo Pfeffer e Daher (2008), os *hassidim* pensavam poder se aproximar dessas emissões divinas e religá-las as suas fontes divinas.

Para conseguir tal elevação os indivíduos deveriam estar em contato com mundo que está repleto de emissões divinas. E estes indivíduos deveriam manter a sua alma direcionada a Deus. Porém, essa tarefa não era fácil e o hassidismo acreditava que o indivíduo deveria ter alguém que o ajudasse a não perder o foco de Deus com as diversas distrações do mundo. O responsável por isso era o *tzadik*¹⁰, ele seria aquele encarregado por conduzir e dar o equilíbrio ao *hassidim*, respeitando o caminho que cada um iria percorrer. “Seu papel é o de facilitar a seus *hassidim* a relação imediata com Deus, nunca substituí-la, pois, cada alma particular deve vencer sua luta e realizar seu papel no mundo.” (PFEFFER; DAHER, 2008, p. 3).

Este processo de acompanhamento se dá na presença física do *tzadik* junto ao *hassidim*. Para que isso aconteça o *tzadik* deve se pôr ao nível do povo, pois um depende do outro, a relação é construída através da reciprocidade.

Essa reciprocidade é a base vital do hassidismo: o mestre direciona os discípulos e estes ajudam e fortalecem o mestre; o mestre inflama o discípulo, o discípulo ilumina o mestre; as perguntas do hassid evocam a resposta no espírito do mestre, resposta que não teria nascido sem a pergunta. (PFEFFER; DAHER, 2008, p. 3-4).

Dentro deste conceito os hassídicos acreditavam que todo indivíduo possui suas singularidades e que é único no mundo. Esta individualidade permite que o indivíduo dê e receba do outro colocando em ação o princípio de reciprocidade e que será usada por Buber na definição de sua relação EU-TU e EU-ISSO.

O Hassidismo afirma ainda que só é possível amar a Deus quando se ama os vivos. O principal foco dos *hassidim*, como afirma Pfeffer e Daher (2008), é ajudar os outros, sem preocupação ou interesse, eu o ajudo simplesmente por ele conviver comigo. Este é o princípio da existência.

Foram estes princípios de existência que fizeram Buber se apaixonar pelo Hassidismo. “Martin Buber se diz enfeitiçado pela literatura hassídica. Foi essa magia que o levou a renarrar as histórias das “maravilhas” ocorridas neste

¹⁰ Do hebraico, significa “justo”. Título dado no Judaísmo Ortodoxo a uma pessoa considerada santa. (WIKIPÉDIA, 2017).

movimento e contadas de geração em geração pela tradição popular.” (PFEFFER; DAHER, 2008, p. 1).

Provocado pela mística hassídica Buber decide ajudar os judeus, como afirma Parreira (2016), “O estudo acirrado sobre o hassidismo despertou em Buber o desejo de auxiliar os judeus na compreensão do que era realmente ser um judeu.”

Parreira (2016), afirma ainda que a realidade era extremamente propícia para as reflexões de Buber sobre a forma como o homem age no mundo que está inserido.

Neste ambiente e cheio do espírito Hassídico Buber escreve o seu primeiro livro sobre o Hassidismo intitulado de ‘A lenda do Baal Shem’ (1907), neste livro Buber já introduz o seu pensamento dialógico do EU-TU e do EU com Deus, o TU Eterno.

Nesse livro, além das reflexões iniciais do escritor sobre o pietismo judaico e sobre a manifestação desse movimento na consciência coletiva judaica, Buber deixa antever o fundamento de seu pensamento posterior: a relação dialógica do Eu com o Tu, do homem com Deus. (PFEFFER; DAHER, 2008, p. 1).

Neste livro de mística Buber já introduziu os seus princípios, mostrando a grande importância do Hassidismo para a sua filosofia, provocando-o a ser um homem interessado pela existência humana e pelo seu povo. Buber se tornou um pensador que transbordava o espírito judaico e o seu encantamento pelo humano tinha profunda ligação com o seu povo. (ZUBEN *apud* PARREIRA. 2016).

Buber viveu uma relação muito íntima com o Hassidismo como afirma Zuben:

A intimidade de Buber com o hassidismo repousa sobre uma inefável relação de simpatia. Ela produziu um vínculo de autopatia, isto é, se Buber dilapidou as “histórias” auxiliando-as a se manifestarem mais claramente, do mesmo modo, a mensagem do hassidismo fecundou e provocou o pensamento de Buber. Talvez se pudesse falar de remodelagem mútua. O Hassidismo foi o farol convidativo, decisivo e provocador de uma tomada de consciência da tarefa e do sentido da existência humana no mundo. (1977, p. XL).

Não é possível desvincular o pensamento de Buber do Hassidismo, um está diretamente ligado ao outro. E é graças a esta corrente que ele cria o seu princípio

de relação dialógica, tendo este nascido e se estabelecido por meio da reciprocidade, conceito de Buber que provém do Hassidismo.

2.4 O Sionismo

Continuando a exposição das influências culturais de Martin Buber, falaremos agora do Sionismo, movimento fundado no final do século XIX por Theodor Herzl.

A palavra Sionismo deriva da palavra Sion, nome dado a um monte nos entornos da cidade de Jerusalém, este nome simboliza o desejo dos Judeus de voltarem após o exílio, à terra de seus ancestrais bíblicos.

O movimento ganhou força e proporção com o início do antissemitismo nacionalista e com o primeiro Congresso Sionista Mundial na Basiléia, Suíça no ano de 1897. O movimento teve diversas correntes: sionismo socialista, sionismo espiritual, sionismo religioso e sionismo sintético. Todos esses caminhos convergem no desejo de retomada das terras de Israel. (REALE; ANTISERI, 2006).

Este movimento se apresentou para Martin Buber por meio do fundador Herzl. Buber se envolveu de tamanha forma que assumiu a posição de delegado do III Congresso sionista da Basiléia. Neste evento ele fez uma declaração, colocando sionismo como “educação” e que se distanciava do pensamento político de seu fundador.

Para ele o sionismo não é uma doutrina política que possa sustentar este ou aquele partido. Para Buber o sionismo é ânsia de conhecimento das próprias raízes, consciência da profunda entidade hebraica em grau de abrir o judeu ao compromisso e ao confronto no mundo. (REALE, ANTISERI, 2006, p. 417).

Diante dessa divergência Buber rompe com o movimento sionista. Porém, é perceptível que neste movimento ele cria um grande amor pelo povo Judeu e pela terra de Israel, sendo ele capaz de viver os últimos anos de sua vida em Jerusalém, a terra natal de seus antepassados bíblicos.

3. O INTER-HUMANO BUBERIANO

Ao longo da vida, Martin Buber se deparou com realidades que o provocaram a pensar sobre o que é o ser e como ele se constitui, desenvolvendo assim uma ontologia, antropologia, teologia e existência do diálogo. Este presente capítulo procurará abordar conceitos que permeiam o pensamento e as concepções de ser e existir que aparecem na principal obra de Buber “EU e TU”, sendo, o que se pretende abordar com mais profundidade a seguir.

3.1 As palavras-princípio

Ao dar início as discussões acerca da Filosofia de Martin Buber, faz-se necessário abordar o conceito de palavras-princípios que irão permear e conduzir toda a elaboração do processo dialógico. As palavras-princípios apontam para o diálogo e é através da palavra que o indivíduo progride na existência e se coloca diante dos outros. (SILVA, 2021).

Através das palavras-princípios, Buber vai construir toda a sua filosofia da relação, dividindo-a em três formas.

O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como que aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós e o TU que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o TU. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa mas gerando a linguagem. Nós proferimos, de todo nosso ser, a palavra-princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la. (BUBER, 1977, p. 06-07).

Dentro destas esferas Buber desenvolve a ideia de diálogo, relação, encontro, reciprocidade e inter-humano que serão vistas mais adiante neste capítulo. As palavras-princípios são então a base da existência. Como afirma o pensador “as palavras-princípios não exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam uma existência” (BUBER, 1977, p. 03).

Buber tem a palavra como peça fundamental para o seu processo dialógico, porque é através da palavra proferida que acontece o encontro, é por meio dela que o homem sai de si e vai em direção ao outro.

Ouvir a palavra que te é dirigida, por mais desafinado que seja o som com que ela fira o teu ouvido, - e não deixar ninguém interferir! Dar a resposta vinda das tuas profundezas, onde vibra ainda o sopro daquilo que te foi insuflado, - e a ninguém é permitido te influenciar (BUBER *apud* SILVA, 2021, p. 66).

O indivíduo deve estar aberto para ouvir a palavra que foi dita pelo outro e deve estar pronto para dar a resposta. Este processo de diálogo pode ser definido em dois tipos de palavras-princípios: EU-TU e EU-ISSO, o filósofo ainda define um terceiro tipo de relação, que é aquela direcionada a Deus, esta definição vem de suas influências judaico-religiosas a relação EU-TU Eterno.

3.1.1 O EU-TU e o EU-ISSO

Após refletir um pouco sobre as palavras-princípios e como elas fazem parte do processo relacional do indivíduo, será abordada as formas como acontecem as relações EU-TU e EU-ISSO. O primeiro processo relacional é o EU-TU. Ele ocorre no encontro do EU com o outro que está diante do EU, este encontro acontece de imediato como afirma Buber:

A relação com o TU é imediata. Entre o EU e o TU não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre EU e TU não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro. (1977 p. 13).

O encontro entre o EU e o TU acontece na presença total de ambos os indivíduos, na totalidade do EU e do TU. É preciso que haja uma doação total de ambos os indivíduos, só assim a relação verdadeira acontece.

As palavras-princípios só tem sentido quando são ditas pelo outro que está na relação, quando se diz TU também está se dizendo EU, quando se diz ISSO também está se dizendo EU, o que diferencia aqui as palavras princípios é o fato de que a relação EU-TU ocorre na sua totalidade e a relação EU-ISSO não pode ser dita em sua totalidade por não haver uma doação de si ao outro. (BUBER, 1977).

O homem é um ser que é voltado pra relação que ocorre no processo de dualidade, não é preciso que o EU fique a procura do outro, mas é o TU que se apresenta diante do EU para a relação. O TU se faz presença, mas não uma presença passageira que passa de imediato, esta presença é duradoura, ambos estão entregues em sua totalidade a relação um com outro.

O TU não está apenas relacionado a pessoas, mas também pode ser usados a animais, obras de arte, elementos da natureza. O TU representa caminhos que convidam a relação na totalidade. (SILVA FILHO, 2019).

O Ser se encontra no limiar da relação entre o EU e o TU, ou seja, é no exato momento do encontro que o Ser surge e dá sentido para a sua existência, é neste momento que a relação acontece e o indivíduo transcende ao outro. Na dinâmica da relação EU-ISSO este processo relacional não ocorre, o Ser está presente ali e acontece um tipo de relação, porém não é mais uma relação de reciprocidade, agora é apenas um agente que age sobre um objeto, não há totalidade neste encontro.

O ISSO nada mais é que um TU o qual no decorrer da história busca ter uma posição frente ao mundo e acaba por tornar-se ISSO, Buber lamenta esse processo:

A grande melancolia de nosso destino é que cada Tu em nosso mundo deve tornar-se irremediavelmente um Isso. Por mais exclusiva que tenha sido a sua presença na relação imediata, tão logo se tenha deixado de atuar ou tenha sido impregnada por meios, o Tu se torna um objeto entre objetos, talvez o mais nobre, mas ainda um deles, submisso à medida e à limitação. (BUBER, 1977, p. 19).

Esse processo de decadência do TU pode também ocorrer ao inverso, onde o ISSO transcende tornando-se um TU. Isto ocorre quando o ISSO se coloca presente para a relação deixando de ser apenas o objeto tornando-se um agente na relação.

Segundo Buber (1977), o homem ao longo de sua vida não pode viver sem o ISSO, porém aquele que vive apenas no isso perde as suas características de homem. Essa descaracterização acontece porque o homem não pode depender ao longo de sua vida apenas no campo da experiência que se tem sobre o objeto, quando isso sucede no indivíduo há uma separação e um distanciamento das propriedades do EU-TU.

Silva Filho (2019) afirma que dentro desta realidade ao colocar as palavras-princípios EU-ISSO, o EU perde a capacidade sair ao encontro do outro e de receber o outro, fechando toda ação em si mesmo. O mundo do ISSO nos apresenta como sendo o vilão da relação dialógica, porém ele não é em si. Ele torna-se um problema apenas quando o indivíduo deixa de procurar o outro e se fecha em si mesmo no egoísmo, centrando todo bem apenas em si e deixando de lado toda abertura ao encontro.

O homem deve entender que o EU-ISSO nada mais é que uma forma de relação entre ele e o mundo, uma forma de adquirir conhecimento, neste percurso ele perceberá que o mundo tornou-se um TU do qual ele não precisa mais ir atrás, mas que se apresenta livremente diante dele.

Então, pode-se evidenciar as seguintes características do TU e do ISSO:

[...] os traços do mundo do Tu: imediatez, reciprocidade, presença, totalidade, incoerência no espaço e no tempo, fugacidade e inobjetivação; e as características do mundo do Isso: a coerência no espaço e no tempo, durabilidade, mundo da experiência e da utilização, sem o qual não se pode viver, embora a vida nele não seja uma vida autêntica. (ZUBEN, 2008, p.98).

Ambas as dimensões de TU e ISSO são essenciais à vida do homem, cabe a ele perceber se está no campo do encontro e da responsabilidade ou se está preso ao egoísmo e utilização do outro, a decisão sobre em qual campo relacional ficará cabe somente ao homem.

3.1.2 O EU-TU Eterno

Ao longo de seu desenvolvimento intelectual Martin Buber teve grande influência da religião judaica, tendo desenvolvido o conceito de relação com Deus

que ele vai chamar de EU-TU Eterno. O TU Eterno representa a pessoa de Deus presente no momento da relação.

Ao analisar a presença de Deus ao longo da história, Buber percebe uma tendência de objetificação das religiões ao tentarem produzir uma história de Deus. Buber não concebe Deus como aquele que pode ser pensado e falado sobre, para ele Deus é aquele que se vive na presença. (ZUBEN, 2017).

O TU Eterno não pode tornar-se um ISSO como afirma Buber (1977): “o Tu eterno não pode, por essência, tornar-se um Isso, pois ele não poder reduzir-se a uma medida ou a um limite mesmo que seja à medida do incomensurável, ao limite do ilimitado”. Ele permanece no campo do TU, quando sai deste campo deixa de ser o Deus real e verdadeiro.

Zuben (2017) afirma que, Deus só pode ser concebido dentro do campo relacional do EU-TU. Só é possível encontrar Deus a partir da relação que o indivíduo tem com o outro indivíduo, sendo que, ambos estejam dentro do campo da mutualidade, é na presença do outro que Deus se manifesta e se torna presença. Não adianta mergulhar no mundo para encontrar ele e menos ainda fugir do mundo que se pode encontrá-lo, é entregando-se totalmente ao outro que Deus surge.

Não se encontra Deus permanecendo no mundo, e tão pouco encontra-se Deus ausentando-se dele: aquele que, com todo o seu ser vai de encontro ao seu Tu e lhe oferece todo ser do mundo encontra-o, Ele que não se pode procurar. (BUBER, 1977, p. 92).

O TU Eterno é aquele que está presente em cada ato relacional, podendo encontrar sua marca em cada encontro, e é pelo TU que alcança-se o TU Eterno que está presente em todos mas não é nenhum deles. Deus é aquele que penetrou na vida do indivíduo e que deixou marcas que não desaparecem.

3.2 A Relação dialógica

Dentro do campo relacional, Buber busca elucidar como se desenvolve a ideia de dialogicidade como peça fundamental para a relação. A palavra surge como objeto da linguagem, ela é o ente responsável por unir os indivíduos na relação. Ele ocorre também no silêncio, não necessita necessariamente fazer uso dos signos

para ter sentido, mas ocorre também por meio de ações e movimentos que o indivíduo realiza em direção ao outro.

Dois homens que estão dialogicamente ligados devem estar obviamente voltados um-para-o-outro; devem, portanto, – e não importa com que medida de atividade ou mesmo consciência de atividade – ter-se voltado um-para-o-outro. (BUBER, 1982, p. 41).

A relação dialógica ocorre no constante movimento entre os indivíduos de distanciamento e de encontro. Partindo dessa ideia o diálogo, o encontro, a responsabilidade e o momento do *entre*¹¹ surgem como momentos fundamentais desta relação.

3.3 O encontro

Para que ocorra a ação dialógica é necessário que tenha um pouco antes um fenômeno que seja o princípio da relação, a este fenômeno Buber chama de encontro. O encontro acontece na presença do indivíduo, colocando-o na realidade do outro e mostrando a suas individualidades que diferenciam o EU do TU.

O termo encontro (*begegnung*) designa algo de atual, um evento que acontece atualmente. A relação engloba o encontro. É porque o homem é ser de relação que pode tomar parte, estar presente a um evento de encontro inter-humano. A relação abre a possibilidade real da latência, ou, em outras palavras, durante o relacionamento objetivante da atitude Eu-Isso, a relação dialógica está como que latente; ela é fundamento de possibilidade e a esperança de uma nova relação dialógica. A relação está, de certo modo, sempre presente, ou melhor, o homem está sempre presente na relação, seja de um modo velado, seja de um modo patente. Mesmo durante o relacionamento objetivante Eu-Isso, o homem guardaria a possibilidade de uma nova relação. A relação Eu-Tu – *Beziehung* é uma possibilidade de atualização do princípio dialógico estabelecendo o encontro dialógico. (ZUBEN *apud* RIEG, 2007, p. 79).

O encontro acontece por natureza própria no exato momento em que ambos os indivíduos se encontram e ele se atualiza deixando de ser um encontro empírico e tornando-se um encontro dialógico, onde a dialogicidade de ambos os indivíduos do EU-TU se entrelaçam na totalidade da relação.

¹¹ Segundo Silva (2021), é o intervalo onde é proferida a palavra pelo ser. É onde a existência inter-humana acontece, ou seja, é quando os indivíduos saem da esfera privada em si mesmos e se encontram na esfera do *entre*.

3.4 O diálogo

O diálogo não se dá apenas entre dois indivíduos um para com o outro, mas na forma que o indivíduo se porta e age diante do outro. Buber divide de três formas o diálogo que pode ocorrer na vida do homem:

É válido distinguir três maneiras pelas quais podemos perceber um homem que vive diante dos nossos olhos [...]. O *observador* está inteiramente concentrado em gravar na sua mente o homem que observa, em “anotá-lo”. [...] O *contemplador* não está absolutamente concentrado. Ele se coloca numa posição que lhe permite ver o objeto livremente e espera despreocupado aquilo que a ele se apresentará. [...] Em cada instância aconteceu-me uma palavra que exige uma resposta. Chamemos esta forma de perceber de *tomada de conhecimento íntimo*. (BUBER, 1982, p.41-43).

O indivíduo dentro da construção relacional inicia o seu processo dialogal como sendo o observador que marca em sua mente o outro, após captar as propriedades do outro o indivíduo passa a ser o contemplador que permanece parado à espera do que surgirá diante dele, por último ocorre a tomada de conhecimento íntimo que se dá no momento na relação quando um penetra no outro através do diálogo. Este processo de diálogo pode ocorrer de forma crescente como apresentado acima, mas também pode ocorrer de modo individual permanecendo apenas na observação, na contemplação ou indo direto para o conhecimento íntimo, como isso acontecerá irá depender da disposição do indivíduo para o diálogo.

O diálogo é dividido por Buber em três tipos, como afirma Rieg:

Existem três tipos de diálogo: o autêntico, não importa se falado ou silencioso, onde cada um dos participantes tem de fato o outro em mente ou os outros na sua presença, no seu modo de ser e a eles se volta com a intenção de estabelecer uma reciprocidade viva; o diálogo técnico, que é movido inicialmente pela necessidade de um entendimento objetivo; e o monólogo que vem disfarçado de diálogo. Este último, segundo Buber, parece ser o que mais se manifesta. (RIEG, 2007, p. 71).

O primeiro tipo é o diálogo verdadeiro que deve acontecer na relação total do EU-TU, nele há plena presença e reciprocidade, o indivíduo está plenamente voltado ao outro. O diálogo técnico tem por objetivo evidenciar certa situação de forma clara e objetiva. O terceiro tipo é o que para Buber é o mais enganador, ele se apresenta como sendo o autêntico que busca a totalidade de ambos os indivíduos, porém ele é

uma grande farsa onde o outro fica em segundo plano na relação, o foco aqui é apenas o EU.

O diálogo não se impõe a ninguém, ele surge diante do outro que sente convidado a responder, porém para responder ao EU o TU precisa estar inteiramente presente em si mesmo, só assim ele conseguirá sair-de-si e ir ao-encontro-do-outro. O voltar-se-para-outro é o movimento básico que o diálogo faz na relação, através dele acontece o encontro.

3.5 A Responsabilidade e a resposta

Buber percebeu que no momento do encontro dialógico há a necessidade da resposta, mas que essa resposta não deve ser dada de qualquer forma, deve haver uma responsabilidade sobre ela. A responsabilidade real só acontece quando há a resposta verdadeira. (BUBER, 1982).

A responsabilidade se torna real quando se tem um ser no qual posso me responsabilizar, é necessário que haja algo seja ela um ser humano ou um objeto. “[...] responsabilidade existe somente quando existe a instância diante da qual me responsabilizo e a auto-responsabilidade tem uma realidade somente quando o “eu-mesmo” diante do qual me responsabilizo penetra transparente no absoluto”. (BUBER, 1982, p.50).

Ao fazer uso da palavra no momento do encontro e conseqüentemente responder ao outro, não por coação, mas por sentir-se convidado a responder, o indivíduo transforma a relação em um movimento de reciprocidade, onde ambos são convidados e se sentem obrigados a responder. O ato de responder por si só exige responsabilidade, no *entre* da relação EU-TU, ela é o resultado do desejo do diálogo.

O fenômeno da resposta é essencial à relação. Quem ouve se não é para responder? A experiência de receber a palavra e respondê-la é o âmago do *entre* ou a revelação vivida pela reciprocidade. Esta experiência vivida de um vínculo numa situação de apelo e resposta encerra para Buber o fenômeno da responsabilidade em seus dois sentidos: primeiro, como resposta e, segundo, como a obrigação de responder. Para Buber, a responsabilidade com projeto do homem na história de viver num nível real e essencial da vida humana é a resposta ao apelo do dialógico. A responsabilidade transcendendo o nível moral, para um nível mais amplo, é o nome ético da reciprocidade. (ZUBEN *apud* RIEG, 2007, p. 81).

A relação de reciprocidade é, então, por si só uma relação de responsabilidade. A resposta é o motor do ato de responsabilizar-se, tal fenômeno só ocorre quando existe a resposta verdadeira na relação EU-TU, sendo que esta relação deve ocorrer na entrega total de ambos os indivíduos no momento do encontro.

3.6 O Inter-humano

O Inter-humano é o ponto máximo da relação para Buber, nele todas as características da relação são evidenciadas, nela o homem relacional autêntico surge.

Qualquer que seja em outros campos o sentido da palavra “verdade”, no campo do inter-humano ela significa que os homens se comunicam um-com-o-outro tal como são. Não importa que um diga ao outro tudo que lhe ocorre, mas importa unicamente que ele não permita que entre ele e o outro se introduza sub-repticiamente alguma aparência. Não importa que um “se abandone” perante o outro, mas importa que ele permita ao homem com o qual se comunica de participar do seu ser. É a autenticidade do inter-humano que importa; onde ela não existe, o humano também não pode ser autêntico. (BUBER, 1982, p.143).

O homem na relação Inter-humano é autêntico, pois se comunica com o Outro por aquilo que ele é, neste instante desaparece todo tipo de barreira que os dividia. Ocorre aqui a afirmação do Outro como pessoa ou ser pelo EU. (SANTOS FILHO, 2019).

No Inter-humano há um EU que relaciona com outro EU, que se relaciona com outro EU e assim por diante, nele existe apenas a autenticidade, onde os seres se encontram na totalidade de si, mas abertos ao outro. No campo do Inter-humano que ocorre o fenômeno da passagem do diálogo ao dialógico, é neste lugar que a palavra é usada com forma de transcendência, do EU para o TU e do EU para Deus. A resposta dá sentido à sua existência e dá um significado a existência do Outro, tudo isso por meio da responsabilidade. O Inter-humano é a síntese de todo processo relacional dialógico criado por Buber.

3.7 A Comunidade

O conceito de comunidade criado por Buber tem o objetivo de evidenciar e aplicar o seu método educacional do diálogo. A comunidade é o local onde o Inter-humano acontece. “Uma verdadeira comunidade e uma verdadeira vida comunitária só se realizarão na medida em que se tornarem reais os Indivíduos em cuja existência responsável se renova a coisa pública”. (BUBER, 1982, p.132).

Os indivíduos se tornam reais na medida em que vivem uma relação de diálogo verdadeira e total com outros indivíduos. É na totalidade do encontro que o indivíduo se torna real e a vida em comunidade ganha um sentido. A vida e a comunidade são a mesma coisa, pois elas dependem uma da outra para existir, como afirma Buber (1897), a vida surge da comunidade e deseja a comunidade.

A comunidade é local onde os indivíduos devem se relacionar na totalidade com todos os indivíduos no campo do Inter-humano, e é ainda a partir dela que o homem pode chegar mais rapidamente a Deus, já que ali a relação concreta entre os indivíduos acontece.

4. INTER-HUMANO X INTERSUBJETIVIDADE

Tendo como ponto de partida as discussões que foram realizadas na seção anterior acerca da relação Inter-humana, a presente discussão apresenta a relação Inter-humana como caminho para superação da relação intersubjetiva na teoria do conhecimento.

Durante um grande período da humanidade a relação visava apenas o bem próprio, porém, com o passar do tempo e com ajuda de alguns teóricos, a relação sujeito-sujeito foi ganhando mais notoriedade com o objetivo de produzir conhecimento e também como saída de si mesmo, nesta perspectiva, esta seção aborda os conceitos gerais da intersubjetividade bem como as diferenças que ela possui em relação ao conceito Inter-humano de Buber evidenciando os pontos em que o pensamento deste filósofo intenta propor novos encaminhamentos à relação sujeito-sujeito.

4.1 A Intersubjetividade

Na perspectiva da teoria do conhecimento do século XX, a intersubjetividade ganha notoriedade com o Filósofo Jüren Habermas¹², através da publicação de sua obra “Teoria da Ação Comunicativa” (1981). Pelas vias de reflexão deste trabalho pode-se inferir que Habermas propôs este conceito como a descentralização do sujeito que foi difundida na modernidade, que pregava o sujeito como sendo o objetivo de toda ação. Segundo Habermas *apud* Vieira (2019) afirma que “o paradigma do conhecimento do objeto tem de ser substituído pelo paradigma da compreensão mútua entre sujeitos capazes de falar e agir”.

A intersubjetividade surge como o fundamento da racionalidade, a razão deixa de pertencer à subjetividade e passa a ser compreendida como uma razão interpessoal, um agir comunicativo, que se torna real a partir da relação entre os indivíduos. Segundo Teixeira (2014), a intersubjetividade se torna o alicerce da sociedade racional.

A intersubjetividade de Habermas nada mais é que “uma disposição cooperativa para o entendimento” (HABERMAS *apud* VIEIRA, 2019). É uma ação entre ambos os indivíduos que surge na relação e da comunicação entre os sujeitos. A racionalidade intersubjetiva:

É entendida como uma capacidade de justificar crenças e ações, de encontrar critérios no procedimento argumentativo e a sua força consiste na coesão da compreensão intersubjetiva e do reconhecimento mútuo. A racionalidade comunicativa presume a aptidão de participantes em interação se orientarem para relações de exigência de validade que supõe um reconhecimento intersubjetivo. (VIEIRA, s/p, 2019).

A intersubjetividade é neste sentido uma relação sujeito-sujeito, superando assim a relação sujeito-objeto da teoria do conhecimento. Não há mais um agente que age sobre o objeto, mas há um diálogo entre dois sujeitos que se reconhecem mutuamente como produtores de conhecimento.

Através da ação comunicativa surge a intersubjetividade, ela é o resultado da comunicação entre o sujeito-sujeito, em que ambos vão se deparar diante de um

¹² Jüren Habermas (1929), formado em Sociologia, Filosofia, Literatura Alemã, História, Psicologia e Economia nas universidades de Göttingen, Zurique e Bonn. É conhecido como um dos mais influentes sociólogos pós-guerra. É conhecido também pela sua teoria da razão comunicativa e um dos principais expoentes da segunda geração da escola de Frankfurt. (Frazão, 2020).

problema e irão discursar para juntos acharem uma solução para esse problema, e consequentemente produzir um novo tipo de conhecimento.

A racionalidade comunicativa baseia-se na noção de ação comunicativa - ação orientada para o entendimento intersubjetivo - e nas pressuposições inevitáveis da ação comunicativa ou da comunicação humana como, por exemplo, só conta a força do melhor argumento e nada está imune à crítica. (VIEIRA, s/p, 2019).

É por meio da comunicação que a subjetividade, ou seja, a ação sobre o objeto passa a ser deixada de lado, partindo assim para uma intersubjetividade. Para evidenciar tais conceitos se faz necessário trazer exemplos: um primeiro exemplo de subjetividade ocorre quando um cientista diante de um problema, tira as conclusões a partir das experiências que ele realizou e vivenciou. Um exemplo de intersubjetividade se dá quando um empresário dono de uma rede de empresas vai se encontrar com o seus fornecedores, ali há encontro e relação, embora seja uma relação utilitária em prol das empresas que ele está administrando.

Portanto, a intersubjetividade é a superação da relação sujeito-objeto na teoria do conhecimento, agora a relação ocorre como sujeito-sujeito, onde por meio da comunicação os sujeitos juntos podem responder a questões que surgem, deixando assim ao campo empírico a relação sujeito-objeto.

4.2 O Inter-humano como superação da intersubjetividade

Ao analisar a intersubjetividade, podem-se perceber grandes proximidades e pontos de convergência com o Inter-humano, por exemplo, o princípio de relação sujeito-sujeito, o princípio de encontro e a comunicação na intersubjetividade se encontram com o dialógico no inter-humano. A intersubjetividade vem como uma superação da relação sujeito-objeto, o Inter-humano é a superação da relação EU-ISSO. Contudo aqui cabe uma pergunta, em que ponto o Inter-humano vai além da intersubjetividade?

Para responder a essa questão, foi necessário conceituar no início desta seção o que é a intersubjetividade, sendo que, ela tenha se apresentado como uma forma de relação comunicativa na teoria do conhecimento com o foco central na produção de conhecimento. Mas em qual perspectiva a intersubjetividade é falha e quando se pode estabelecer uma relação Inter-humana?

Duas questões que no fim possuem a mesma resposta, e que no fim significaram a mesma coisa. A intersubjetividade aparentemente possui um caráter utilitário, e aqui está a grande diferença para o Inter-humano, o objetivo da relação intersubjetiva é unicamente o conhecimento, mesmo que esteja apenas usando o outro sujeito para alcançar determinado resultado. Um exemplo: dois pesquisadores que estão juntos na mesma pesquisa, um utiliza o que o outro tem de conhecimento visando unicamente o resultado final da pesquisa, ambos agem, porém o fim é unicamente o mesmo, a utilidade do conhecimento que o outro possui. Esse tipo de relação tem características do EU-ISSO.

Nesta perspectiva do ISSO ter um caráter utilitário, Buber afirma:

À medida em que se amplia o mundo do ISSO deve progredir também a capacidade de experimentar e utilizar. O indivíduo pode, sem dúvida, substituir cada vez mais a experiência direta pela experiência indireta ou pela “aquisição de conhecimentos”; ele pode reduzir cada vez mais a utilização, transformando-a em “aplicação” especializada; [...] (1977, p. 44-45).

O ISSO possui, portanto, características bem parecidas com a intersubjetividade, um utilitarismo que pode se prender apenas na aquisição de conhecimento. A relação intersubjetiva pode se fixar apenas no EU-ISSO, o centro para ela se torna neste sentido não o outro sujeito, mas o conhecimento que será produzido a partir da comunicação utilitária dos sujeitos.

Após perceber o grande problema da intersubjetividade na perspectiva buberiana de relação se faz necessário recordar a questão que foi levantada no início deste tópico, onde o Inter-humano supera a intersubjetividade? Para responder a essa questão é importante recordar um pouco o que é o Inter-humano. O Inter-humano é o ponto máximo da relação para Buber, nela o EU-TU ganha sentido e dá significado para a existência antropológica dos indivíduos presentes na relação.

Qualquer que seja em outros campos o sentido da palavra “verdade”, no campo do inter-humano ela significa que os homens se comunicam um-com-o-outro tal como são. Não importa que um diga ao outro tudo que lhe ocorre, mas importa unicamente que ele não permita que entre ele e o outro se introduza sub-repticiamente alguma aparência. Não importa que um “se abandone” perante o outro, mas importa que ele permita ao homem com o qual se comunica de participar do seu ser. É a autenticidade do inter-humano que importa; onde ela não existe, o humano também não pode ser autêntico. (BUBER, 1982, p.143).

O Inter-humano é o local onde os indivíduos se apresentam na sua totalidade e autenticidade. É onde o processo de significação relacional ocorre, os indivíduos aqui se percebem e percebem o outro como indivíduos.

Na relação Inter-humana há apenas o EU-TU, não há espaço para o EU-ISSO, não tem espaço para a dimensão utilitária do mundo do ISSO. O EU-ISSO possui características incompatíveis com o Inter-humano, ali não há uma entrega total ao outro, não há uma autenticidade, não há responsabilidade, há apenas o objetivo que será alcançado pelo indivíduo através do outro. Apenas um indivíduo é o agente na ação, no Inter-humano ambos são agentes.

Com estas perspectivas apresentadas, fica fácil responder onde o Inter-humano supera a intersubjetividade. É exatamente no risco da fixação da intersubjetividade no mundo do ISSO, a relação é apenas um caminho para a ciência se chegar a um novo conhecimento, a relação se tornou um meio e não um fim.

O Inter-humano faz uso de conceitos da intersubjetividade, porém ele vai além, é como se dissesse “ótimo o que você fez até aqui, mas não é apenas isso, falta algo”, e esse algo é exatamente o ponto central do Inter-humano, o diálogo como meio de significação da existência do homem. A relação não possui mais o caráter utilitário como meio para se chegar ao conhecimento, agora ela possui significação, é a relação Inter-humana que irá, por meio do diálogo que acontece no espaço do *entre*, dar sentido e significado a existência do indivíduo. Para o Inter-humano buberiano é necessário primeiro dar sentido ao existir do indivíduo para assim poder desenvolver conhecimentos novos. Se o indivíduo não possui uma significação também não conseguirá dar um significado a outra coisa.

Portanto, o Inter-humano surge como superação da intersubjetividade sustentada pela razão técnica da ciência em detrimento da existência, perdendo o caráter utilitário usado no campo científico com produção de conhecimento e adquirindo o caráter de significação da existência antropológica do indivíduo na relação EU-TU.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os conceitos existenciais antropológicos de Martin Buber foi possível perceber como que a religião judaica – religião na qual nasceu e terminou a sua vida – teve tamanha influencia em suas obras filosóficas, e também no campo teológico.

O judaísmo o apresentou ao Hassidismo e ao Sionismo, correntes judaicas que tiveram grande impacto na sua produção, o conceito de reciprocidade vem do hassidismo, ação que deveria ocorrer entre o mestre hassidim e seu aluno e que Buber trouxe para sua relação EU-TU como um dos pontos centrais.

A reciprocidade surge então, como um dos pilares das palavras-princípio de Buber, é por meio delas que o EU-TU ganha consistência. E pode-se afirmar que na

reciprocidade que o indivíduo percebe o outro. Mas para que o processo de reciprocidade aconteça é necessário haver o encontro.

O encontro se dá no exato momento em que dois seres se deparam um com o outro, neste momento surge no espaço no *entre* a possibilidade da reciprocidade, é necessário que aconteça o diálogo para haver reciprocidade. Então, quando um profere o diálogo e o outro responde surge a reciprocidade, neste momento ambos os seres percebem-se a si mesmo com seres existentes.

O EU-TU é relação que acontece na totalidade e na mutualidade, os indivíduos fazem-se presentes na relação e unidos dialogicamente, produzindo sentido em si próprios e juntos crescendo enquanto indivíduos.

As palavras-princípio possuem um segundo tipo que é diferente do EU-TU, o EU-ISSO. No EU-ISSO não há este processo de reciprocidade e de diálogo, aqui ganha-se um caráter utilitário onde apenas o EU age sobre o ISSO. Nesta perspectiva o ISSO se torna um objeto que será manipulado e usado pelo EU, não há mais diálogo, há somente monólogo, sendo que o ISSO pode ser qualquer coisa desde um objeto a um indivíduo.

O EU-TU e o EU-ISSO se diferem exatamente no ponto do diálogo, um dá sentido à existência dialógica na relação, o outro faz uso do outro indivíduo em prol do seu bem próprio.

Sendo um bom judeu, Buber trouxe a perspectiva relacional do EU-TU Eterno, como sendo a relação que o indivíduo tem com Deus. Para que haja a relação com Deus é necessário antes se relacionar com os indivíduos que estão ao entorno. Só assim Deus surge e se coloca à disposição para que EU se relacione com ele o TU Eterno.

As palavras-princípio surgem com fundamento do ponto mais alto da relação buberiana que é o Inter-humano. O Inter-humano é a vivência perfeita da relação EU-TU, sendo que nela não há espaço para a relação EU-ISSO.

A relação Inter-humana acontece quando o ser surge com tudo aquilo que o compõe, neste momento ele se faz presença diante do outro do qual se depara, ele deve estar totalmente presente, logo após, iniciasse o processo de abertura de ambos os indivíduos de um para o outro, a reciprocidade acontece, então ocorre o ponto máximo da relação que é o diálogo, eis que se dá então a relação Inter-humana.

Sem o diálogo não há relação Inter-humana, pois não há mutualidade, sem mutualidade não tem como haver abertura e sem abertura os indivíduos não conseguirão significar a sua existência com-o-outro do outro. A relação pode então se tornar um EU-ISSO e nada mais, o Inter-humano desaparecerá. Por isso a relação Inter-humana é o caminho que a comunidade deve seguir, pois é assim que os indivíduos darão sentido a si próprios e aos outros.

Por isso, a relação Inter-humana surge como um novo encaminhamento da intersubjetividade da teoria do conhecimento. Uma intersubjetividade centrada na produção do conhecimento e que corre o grande risco de permanecer presa no mundo do ISSO, perspectiva impossível de existir no Inter-humano.

A intersubjetividade pode, com objetivo de produzir conhecimento, se prender ao caráter utilitário da relação, tornando o outro apenas um objeto do conhecimento, onde o indivíduo aproveita o que o outro tem para produção do próprio conhecimento, ignorando qualquer reciprocidade, isto é, a relação se prende a utilidade.

Esta dimensão não é o suficiente para Buber, a partir disso pode-se entender a proposta da relação Inter-humana como superação da intersubjetividade, na qual o mundo do ISSO, há apenas o mundo do TU onde acontece a significação dos indivíduos por meio da relação dialógica, onde um indivíduo transcende saindo si em direção ao outro, processo do qual é necessário para a significação dos indivíduos.

Portanto, o Inter-humano ressignifica a intersubjetividade deixando de lado toda dimensão utilitária e fazendo uso da relação dialógica do conhecimento sensível para a significação do indivíduo.

Este trabalho é aberto ao diálogo e ideias que possam surgir de outros indivíduos. Podendo ele questionar a partir desta leitura como está sendo as suas relações, se estão apenas no caráter utilitário ou são relações recíprocas abertas ao diálogo onde um ouve o outro e também dá as suas contribuições? O indivíduo irá responder de acordo com realidade na qual está inserido e de acordo com as suas concepções.

Esta análise se torna cada vez mais necessária no mundo atual, um mundo repleto do ISSO e da utilidade, onde os indivíduos não se preocupam mais com o bem do outro mas apenas com o bem pessoal. Um mundo repleto de relações vazias e sem sentido, que não contribuem em nada para o crescimento do homem, mas que apenas servem para uma maior degradação da vida humana.

Esta pesquisa tem o objetivo de despertar a consciências das pessoas para uma relação mais verdadeira e completa, para que possam juntos, através de um diálogo aberto produzir significado a si próprios e aos outros e consequentemente provocar mudança no mundo.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Vitor da Silva. O eclipse de Deus. **São Boa Ventura**. Curitiba, v. 11, n. 2, p. 39-50, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/54>. Acesso em: 17 jun. 2021.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

_____. **Do Diálogo e Do Dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **Sobre Comunidade**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CARRARA, Ozanan Vicente. A noção de comunidade em Martin Buber. **São Boa Ventura**. Curitiba, v. 11, n. 2, p. 51-70, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/55>. Acesso em: 17 jun. 2021.

CONFEDERAÇÃO ISRAELITA DO BRASIL (CONIB). **Chassidismo**. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/chassidismo/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

_____. **Sionismo**. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/sionismo/>. Acesso em: 14 jun. 2021.

DA SILVA, Maycon Renan. Eu e Tu como proposta dialógica em Martin Buber. **Prometheus - Journal of Philosophy**. Curitiba, v. 13, n. 35, p. 63-79, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v13i35.11903>. Acesso em: 17 jun. 2021.

DOS SANTOS FILHO, Valter Barros. **O encontro inter-humano em Martin Buber**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: http://www.faje.edu.br/simposio2014/textos/nao_doutores/valter_filho.pdf. Acesso em: 08 mar. 2021.

DUNLEY JUNIOR, João Paulo Coutinho. O outro na relação intersubjetiva: antecedentes filosóficos. **Pro-Posições**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 29–42, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644226>. Acesso em: 22 out. 2021.

FERREIRA, Leonardo. **O que é Haskalá?**. 2013. Disponível em: <http://culturahebraica.blogspot.com/2013/12/o-que-e-haskala.html>. Acesso em: 14 jun. 2021.

FEUERBACH, Ludwig. **Princípios da Filosofia do Futuro**. Covilhã: LusoSofia, 2008. p. 73-74. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/feuerbach_ludwig_principios_filosofia_futuro.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

FRAZÃO, Dilva. **Wilhelm Dilthey**. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/wilhelm_dilthey/. Acesso em: 17 jun. 2021.

_____. **Georg Simmel**. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/georg_simmel/. Acesso em: 17 jun. 2021.

_____. **Jürgen Habermas**. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jurgen_habermas/. Acesso em: 23 out. 2021.

GOMES, Jones da Silva. **Comunidade e eticidade**: uma contribuição à aventura sociológica no pensamento de Martin Buber. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em:

http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/1946/1/Dissertacao_ComunidadeEticidadeContribui%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

MARCONDES FILHO, Ciro. No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 95-105, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/4960#:~:text=No%20di%C3%A1logo%20com%20o%20outro,Martin%20Buber%20%7C%20Filho%20%7C%20Em%20Quest%C3%A3o>. Acesso em: 08 mar. 2021.

MARTINS, Jasson da Silva. A existência intersubjetiva em Martin Buber. **Argumentos**. Fortaleza, ano 2, n. 4, p. 28-37, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18969>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MEIRA, Danjone Regina. Diálogo e Religião em Martin Buber e Paul Tillich. **Correlatio**. São Paulo, v.12, n. 24, p. 137-170, dez. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/4631/4006>. Acesso em: 20 jul. 2021.

O primado da intersubjetividade: a razão comunicativa e a discussão habermasiana sobre o direito. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10808/10808_4.PDF. Acesso em: 18 out. 2021.

PARREIRA, Gizele Geralda. **Martin Buber e o sentido da educação**. Goiânia: IFG, 2016. Disponível em: <https://editora.ifg.edu.br/editoraifg/catalog/book/2>. Acesso em: 02 jun. 2021.

PFEFFER, Renato Somberg; DAHER, Gabriella Grossi. O Hassidismo na visão de Martin Buber. **Arquivo Maaravi**. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, out. 2008. Disponível em: [https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/download/13962/11143/37925#:~:text=Martin%20Buber%20deixa%20de%20lado,27\)](https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/download/13962/11143/37925#:~:text=Martin%20Buber%20deixa%20de%20lado,27)). Acesso em: 14 jun. 2021.

REALI, Giovanni; ASTISERI, Dario. **História da Filosofia**: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. v. 6. São Paulo: Paulus, 2006.

RIEG, Rubens. **A relação dialógica**: a descoberta do Zwischen em Martin Buber. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2774>. Acesso em: 17 jun. 2021.

SANTIAGO, Maria Betânia; RÖHR, Ferdinand. Formação e diálogo nos discursos de Martin Buber. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANEPED, 29., 2006, Caxambu. **Trabalhos [...]**. Caxambu: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2672--Int.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

SIGNIFICADOS. **Torá**: O que é, significado, origem e história. Significados, 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/tora/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

TEIXEIRA, Danielle Felix. A ideia da intersubjetividade e da legitimidade do ordenamento na teoria filosófica de Jürgen Habermas. **Conteúdo Jurídico**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/42725/a-ideia-da-intersubjetividade-e-da-legitimidade-do-ordenamento-na-teoria-filosofica-de-jurgen-habermas>. Acesso em: 22 out. 2021.

VIEIRA, Paula Alexandra. Intersubjetividade: um olhar sobre a comunidade de investigação filosófica. **Childhood & philosophy**. Rio de Janeiro, v. 17, e. 42218, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5120/512059810014/html/>. Acesso em: 22 out. 2021.

WIKIPÉDIA. **Tsadic**. Wikipedia, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tsadic>. Acesso em: 17 jun. 2021.

WINAND, Edwald José. Comunidade enquanto estética do inter-humano: A comunidade em Martin Buber e em Boaventura de Sousa Santos. **Revista ética e Filosofia política**. Juiz de Fora, v. 1, n. 13, p. 51-95, jan. 2011. Disponível em: https://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2011/06/13_1_edwald.pdf. Acesso em: 24 fev. 2021.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. **A questão do inter-humano uma releitura de eu e tu de Martin Buber**. 35.v. 111.n. Belo Horizonte: Síntese, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/30930225_ Acesso em: 08 mar. 2021.

_____. **Introdução e tradução: Eu e Tu**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

_____. A questão do inter-humano uma releitura de EU e TU de Martin Buber. **Síntese**. Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p. 87-110, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309302255_A_QUESTAO_DO_INTER-HUMANO_UMA_RELEITURA_DE_EU_E_TU_DE_MARTIN_BUBER. Acesso em: 08 mar. 2021.

_____. A revelação do pensamento de Martin Buber. **Revista Pistis Praxis**. Curitiba, v. 9, n. 3, p. 785-809, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/22014/22490>. Acesso em: 08 mar. 2021.

_____. Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber. **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciência da Religião**. Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 941-968, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n38p941/8108>. Acesso em: 08 mar. 2021.